

## ROL DOS EQUÍVOCOS

*"Tanto mais porque eu, como você, esclareço minhas ideias muito melhor no papel do que em conversas."*

(François Porché numa carta para Andre Gide)

### Equívoco nº 1

Em um livrinho chamado *Reading Greek Tragedy*, S. Goldhill deduz que "a peça (AS BACANTES, de Eurípedes) pode ter sido escrita sem (...) a intenção (...) da performance". Depois conclui: "Nunca houve uma produção autorizada desta tragédia". Se tal afirmação fosse válida, o ápice da peça, em que Penteu é despedaçado por sua mãe, jamais ocorreria fora do palco. (Ver Equívoco nº 10)

### Equívoco nº 2

Há equívocos anacrônicos muito mais graves do que aqueles cometidos nas concepções terminológicas.

### Equívoco nº 3

Hesíodo ensinando ao irmão os benefícios da navegação: "assim meu e teu pai, ó Perses (...), necessitando de um bom sustento, costumava navegar em barcos. Um dia aqui chegou, depois de cruzar muito mar, (...) numa nau negra, não para fugir à abundância (...), mas sim à pobreza má (...). Veio morar perto do Hélicon, num vilarejo miserável, Ascra, ruim no inverno, difícil no verão, nunca boa." (*O Trabalho e os Dias*, tradução de A. R. de Moura). Não creio que Hesíodo fosse um argumentador tão débil; o mais provável é que esse trecho tenha escapado à acuidade dos editores antigos.

### Equívoco nº 4

Liberdade de expressão.

O conflito principal mais grave entre liberar ou restringir a expressão reside em avaliar o quão eficaz é o poder de quem tem seu discurso liberado. É incongruente discutir liberdade de expressão nas sociedades em que haja liberdade plena e genuína, pelo simples fato de que não haveria aí o perigo de alguém ser manobrado pela ideia expressa. Mas numa modernidade em que milhões de pessoas são influenciadas por comerciais de trinta segundos medíocres, por juras ilusórias de amor, por instituições cujos princípios elas desconhecem, como proteger a liberdade de ideias sem temer gravemente as consequências? A propósito: "Liberdade em excesso conduz à escravidão em excesso, quer para o indivíduo, quer para o Estado." (*A República*, de Platão).

### **Equívoco nº 5**

Na introdução de sua tradução de *O Trabalho e os Dias*, A. R. de Moura se refere da seguinte maneira a uma das consequências da suposta decadência econômica da era de Hesíodo: "Daí adviria a insegurança que o texto sugere, o que parece se expressar no conselho de limitar a prole a apenas um filho." Ao que me parece, o conselho de Hesíodo ao irmão baseia-se na própria situação do canto: quando há apenas um herdeiro, não há litígio.

### **Equívoco nº 6**

Por que houve inúmeras investigações com o intuito de determinar se o discurso socrático em Platão era, na verdade, discurso platônico e nenhuma investigação no mesmo sentido envolvendo Xenofonte?

### **Equívoco nº 7**

*Teogonia*: "Veio com a noite o grande Céu, ao redor da Terra desejando amor sobrepairou e estendeu-se a tudo."

Email de J. Torrano: "Caro Sodine Üe. A locução adverbial “ao redor de” — e não simplesmente o substantivo “redor” — significa “em volta de”, “à volta de”, “em torno de”, “em redor de” e indica uma abordagem por circunvolução e não a abordagem de um objeto redor. No caso, a locução “ao redor de” traduz o advérbio grego “amphí”. Cordialmente, Jaa"

Em outro trecho de *Teogonia*: "(...) pôs na frente Palas Atena e ao redor da cabeça pôs uma coroa de ouro." (No caso de ao "redor" da cabeça, a palavra grega também é "amphi").

W. Burkert: "Diz-se que Hesíodo teria pensado sobre esfericidade da terra, porque Zenão (SVF I no.276) lera (sic) isso em seu texto (sic)."

D. Laercio, 8:48: "(...) É-nos dito que ele (Pitágoras) foi o primeiro a chamar o céu de universo e a terra de esfera, embora Teofrasto diga que foi Parmenides, e Zenão diga que foi Hesíodo."

### **Equívoco nº 8**

K. J. Dover: “Os filósofos mais antigos expressaram-se de modo oracular, imitando os poetas (...), e por toda a primeira metade do período clássico, o filósofo devia antes expor do que argumentar. Pouco depois de 400 a. C., Platão desenvolveu uma das mais notáveis e proveitosas idéias na história da literatura. Deu à Filosofia uma forma dramática e representou dois ou mais personagens argumentando, por vezes de pontos de vista inconciliáveis, por vezes em cooperação”.

C. H. Kahn: "Aristóteles em sua *Poética* refere-se aos *Söcratikoï logoi* ('Discursos Socráticos' ou 'Conversas com Sócrates') como um gênero literário já estabelecido. E em seu diálogo perdido *Sobre os Poetas*, Aristóteles teria citado um certo Alexâmenos de Teos como inventor deste gênero."

*Sobre os Poetas* (fragmento): "Negaremos que os chamados mimos de Sófron, que nem sequer têm metro, sejam logoi e imitações, tal como os diálogos de Alexâmenos de Teos que se escreviam antes dos diálogos socráticos?"

### **Equívoco nº 9**

O discurso socrático em *A República* é mais incompreendido ou mais refutado pelos ouvintes? A história da dialética nos sugere como resposta a segunda alternativa, ao contrário do que defende Havelock em seu *Prefácio a Platão*. A propósito, Havelock tenta contraditoriamente transformar o texto platônico em pedra de cisão entre a cultura oral grega e a novíssima valorização da escrita, sem atinar que é Sócrates quem protagoniza o discurso e não Platão (Ver Equívoco nº 6). Como poderia Sócrates defender a escrita em detrimento da oralidade — ele que, comprovadamente, nunca escreveu?

### **Equívoco nº 10**

Email enviado a T. Vieira:

"Fui apresentado recentemente com sua tradução de *Medeia* (Editora 34) e como total desconhecedor do idioma original não tenho nada especial a dizer quanto à tradução. Porém, durante a leitura do Posfácio do Tradutor, ocorreram-me algumas breves observações que gostaria muito de dividir com alguém, e ninguém melhor do que com o próprio tradutor.

"Refiro-me ao seguinte trecho: 'Surpreende-nos a capacidade de a protagonista representar com tanto controle um papel em função de um objetivo terrível, que apenas em um momento parece correr risco, durante seu conhecido monólogo' (Página 169).

"A primeira observação que preciso fazer é que há que se diferenciar uma Tragédia Grega de seu Texto, no que diz respeito à relação entre o que É lido e ao que FOI encenado. Isso dito, devo dizer que essa parte do seu Posfácio me soa destoante devido a um fato muito simples que, por alguma razão, pareceu passar longe de seu texto e, creio, de sua tradução: as tragédias gregas ERAM encenadas com máscaras que representavam as emoções que o texto demandava, mas tais máscaras não possuíam a praticidade das máscaras modernas, leves, compactas, que um ator poderia carregar (ou esconder) com facilidade num bolso do figurino, visando até quem sabe alternar emoções ao longo de sua encenação. Não, de maneira alguma. As

máscaras eram grandes e pesadas, o que nos leva a deduzir, inclusive, que eram carregadas com ambas as mãos...

"Note algo interessante: Medeia mata os filhos longe dos olhos do público, dentro do palácio. O coro, tal como a plateia, somente ouve os gritos dos meninos, e, tal como a plateia, não vê a ação. Ora, como poderia um ator com as duas mãos ocupadas segurando uma máscara segurar ao mesmo tempo um gládio para assassinar mais dois atores? Algo igual sucede na cena de *As Bacantes*, em que Penteu tem que ser trucidado até a morte longe dos olhos do público (para a tristeza do autor, creio eu), pois seria impossível sua mãe e as companheiras dela encenarem a ação, pelos mesmos motivos que já citei.

"Com isso em mente, gostaria de refutar seu Posfácio — não sem imenso respeito pelo seu trabalho como tradutor — aludindo ao fato de que a fala entre Medeia e o Pedagogo (iniciada na página 115), que vai resultar no tão explorado monólogo (Versos 1.019-80), SUCEDE ao falso diálogo dela com Jasão, no qual ela finge aceitar ter sido trocada por outra. O que permeia uma e outra cena é a fala do coro, momento em que o ator protagonista deveria trocar sua máscara no intuito de validar para a plateia seu estado de ânimo atual. Agora suponhamos que o ator que interpreta Medeia não tenha trocado a máscara de "tristeza arrependida" que usava na cena em que se fingia resignada para Jasão, logo toda a fala seguinte para o Pedagogo deveria ser também forçosamente mentirosa. Talvez isso explique o motivo por que a fala do coro iniciada na página 123 (que segundo sua nota de rodapé pareceu a Mastronarde "contrastar com a angústia e a tensão do monólogo de Medeia") seja tão adversa, deslocada; talvez porque o coro, tal como a plateia, soubesse que a protagonista continuasse fingindo-se arrependida pela simples evidência de não ter trocado sua máscara...

"Ocorre-me também uma pergunta: durante a encenação havia apenas um ator para cada personagem? Ou havia três ou quatro homens se alternando no papel Medeia, e cada um entrava ao passo que era necessária uma nova máscara enquanto o outro ator saía? Fosse assim, isso não contrariaria minhas observações. Muito pelo contrário."

Sodine Üe

**FIM**